



EM 1959, OS AMIGOS E PARCEIROS CAMINHAM PELA ÁREA EM VOLTA DO CATETINHO, EM BUSCA DE INSPIRAÇÃO

INSPIRAÇÃO

ENGENHEIRO PIONEIRO EM BRASÍLIA E SERESTEIRO DE TOM JOBIM E VINÍCIUS DE MORAES, KLEBER FARIAS PINTO CONTA AO CORREIO COMO TOM, JOBIM E VINÍCIUS ENCONTRARAM A FONTE DE BEBER EM BREVE TEMPORADA NO CATETINHO, EM FRENTE DE JK

IRLAM ROCHA LIMA
DA EQUIPE DO CORREIO

“A história musical de Brasília, quando for contada, terá que começar por *Água de beber*.” A força da afirmação, feita por Kleber Farias Pinto, não vem do fato de ele ser um seresteiro bissexto. Engenheiro civil que participou da construção da nova capital, estava presente na primeira audição do samba, de autoria de Tom Jobim e Vinicius de Moraes, num remoto final de tarde de dezembro de 1959, no bar do extinto Brasília Palace Hotel.

Naquele dia, depois de uma longa jornada à frente da implantação do, para a época, revolucionário sistema de iluminação pública da cidade – com rede subterrânea –, Kleber, ainda com os trajes de labuta e botas enlameadas, pegou seu jipe e se dirigiu para o Brasília Palace. Ocupou uma mesa na qual, logo em seguida, passaria a ter a companhia de Ari Cunha (colunista e atual vice-presidente do Correio) para uma cervejinha.

Conversa vai, conversa vem, de repente os dois vêm chegar duas personalidades da música brasileira: Vinicius de Moraes e Tom Jobim. Os dois cumpriam uma missão na futura capital, como Kleber e Ari viriam a saber depois. “Quando se sentaram, fui até a mesa deles e puxei conversa com o Vinicius, a quem conhecia do Pouso do Chico Rei, onde o poeta costumava se hospedar em Ouro Preto (MG). Eu era estudante de Engenharia quando fui apresentado a ele pela Lili Correia de Araújo, que era uma das sócias do hotel.” Sorvendo um uisquinho, Vini-

Água de Beber
foi no
Catetinho
Agradeço
pra
Kleber
Tom Jobim

A PEDIDO DE KLEBER, TOM JOBIM ATESTOU A AUTENTICIDADE DA HISTÓRIA

cius foi interpelado pelo despachado Kleber. “Que diabo vocês estão fazendo em Brasília em pleno dezembro, no meio de tanta lama?” Com seu jeito tranqüilo, o poeta respondeu. “O Juscelino nos encomendou uma sinfonia para ser executada no dia da inauguração de Brasília. Mandou vir um plano de Goiânia e nós estamos lá no Catetinho trabalhando. O presidente disse que só voltaremos para o Rio depois que a sinfonia ficar pronta.”

Kleber, então, se dirigiu ao pianista do bar do hotel e, com

Fotos: Paulo H. Carvalho/CB

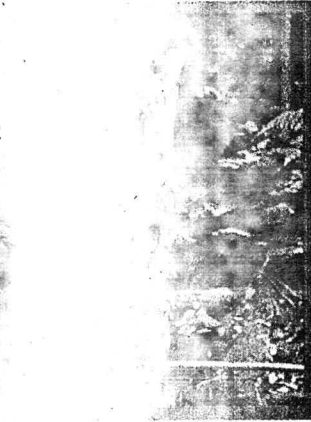


KLEBER LEMBRA COM DETALHES O DIA EM QUE TOM E VINÍCIUS

ele, estabeleceu o seguinte diálogo: “Meu amigo, estão aqui o Tom Jobim e o Vinicius de Moraes, será que eles poderiam dar uma canja?”. O pianista, que pelo visto não sabia a quem o engenheiro se referia, foi curto e grosso: “Olha, os caras me pagam direitinho para eu tocar meu piano e eu não quero bagunça, não”.

Sem se dar por vencido, Kleber aproveitou o momento em que o pianista fez intervalo em sua apresentação, voltou à mesa de Tom e Vinicius e insistiu no convite. Os dois toparam. “O Tom começou a tocar acordes da sinfonia, enquanto o Vinicius declamava trechos de poemas de sua autoria. Af o Tom parou e, brincando, falou que já estava de saco cheio da sinfonia. Foi quando o Vinicius sugeriu a ele tocar o sambinha que haviam começado a compor”, relata.

“O Ari, eu e as pessoas que estavam ali no bar do Brasília Palace ouvimos, então, em primeiro audi-



ção. Os principais de *Água de beber* e *Água de beber/Água de beber/Água de beber/Água de beber/Água de beber*. Eu nunca fiz outra canja. Faturei para a escola. Hoje em dia, minha casa vive de aluguel. Mas as portas do cobertor de Tom e Vinicius me explicam a música.”

Entre os detalhes vivos na memória de Kleber, o pioneiro relatou o encontro com Tom e Vinicius. “Na noite seguinte, depois do jantar, os dois fizeram uma caminhada em volta do Catetinho e um barulho de quebra-guaítes chamara a atenção. Procuraram saber de onde vinha o barulho, tiveram a impressão de estar em uma vigia: “Ô camará, o Kleber, que tem ali, me levou até uma fonte de água, próxima ao pátio do Catetinho. Os dois beberam água e ficaram com aquele feio”. Na mesma noite,

começaram a compor o samba.” A fonte deságua no Country Club, onde os sócios se deliciam com banhos de bica.

Trinta anos depois, Tom Jobim veio a Brasília para apresentar o espetáculo *Antônio Brasileiro*, na Sala Villa-Lobos. Na platéia, emocionado, Kleber observou que *Água de beber* foi uma das músicas mais aplaudidas. “Ao final do show, fui ao camarim e, ao conversar com o Tom, voltei no tempo. Af, pedi a ele uma declaração por escrito, confirmando a origem da música.” Ele tinha motivo para tomar essa providência. “Quis ter a declaração do Tom, porque havia pessoas que não acreditavam quando eu contava a história.”

O fato foi relatado, resumidamente, em crônica que Ari Cunha publicou em sua coluna no *Correio*, na edição de 11 de dezembro de 1994, sob o título *Tom canta Brasília*, numa homenagem ao compositor, morto dias antes. Na página 24 do livro *Cancioneiro Jobim – 1959-1965* (editado pela Jobim Music), há também breve registro da história de *Água de beber*.

Sempre que surge oportunidade, em reuniões musicais, Kleber volta à gênese de *Água de beber* e costuma cantá-la. “Certa vez, eu estava fazendo um cruzeiro entre Estocolmo e Leningrado (atual São Petersburgo), quando ouvi a orquestra que tocava no navio interpretar o samba de Tom e Vinicius. O crooner cantava a música em inglês. Eu fui até ele e expliquei que se tratava de um clássico da Bossa Nova, um estilo musical brasileiro. O rapaz, então, me convidou para dar uma canja, em português, claro. Acredito que não fiz feio”, comenta, orgulhoso.

5.32